

**SACRAMENTO, Mário — Fernando Namora. Coleção "A Obra e o Homem". Lisboa, Arcádia, 1968, 350 pp.**

De acôrdo com os objetivos da Coleção a que pertence, "A Obra e o Homem", êste volume dedicado a Fernando Namora, apresenta uma criteriosa biografia do conhecido romancista português, elaborada pelo médico e ensaísta português, Mário Sacramento, onde o plano de realidade de sua vida pessoal assume uma dimensão especial em relação à essência de sua obra literária. Completa o volume uma antologia, cujos textos, inteligentemente selecionados pelo organizador, revelam as facêtas definidoras do estilo e da temática de uma obra de ficção, que já transpôs as fronteiras de Portugal e já se acha traduzida em castelhano, catalão, alemão, inglês, italiano, romeno, checo, sueco, esperanto, holandês, búlgaro, russo... Tendo tido também alguns títulos editados no Brasil: *Deuses e Demônios da Medicina, Domingo à Tarde, Retalhos da Vida de um Médico, O Homem Disfarçado*, e no prelo, *O Trigo e o Joio*, com prefácio de Jorge Amado.

Aparentemente seguindo o mesmo plano adotado nos demais volumes da Coleção (situação do autor na época, biografia, bibliografia e antologia), êste, acêrca de Fernando Namora, assume uma nova dimensão, devido à feliz circunstância de ser o seu organizador, Mário Sacramento, não só um companheiro de geração de Namora (colegas desde os bancos da Faculdade de Medicina em Coimbra), mas principalmente um arguto participante e observador dos fenômenos de sua época.

O que temos, portanto, neste livro é um duplo testemunho: o do *romancista* (através da interpretação do organizador e da muito representativa antologia selecionada); e o do *ensaísta* (através da própria vivência dos fenômenos enfocados com agudez). Um duplo e consciente testemunho que, objetivamente, visa esclarecer, ao mundo de hoje e de amanhã, as ações ou omissões de uma geração a quem, inegavelmente, Portugal muito deve; uma geração a quem não será talvez, fácil aos homens compreenderem totalmente, quando ela já se tiver tornado passado. Pois, a julgar pelas palavras do próprio Mário Sacramento, "o futuro vai ter muita dificuldade em compreender o nosso tempo, peado de silêncios e semeado de hiatos que foi". (p. 10).

Na mesma linha de pesquisa que já lhe conhecêramos, principalmente em *Êça de Queirós — Uma Estética...*, Mário Sacramento, neste trabalho de "iniciação à (e de interpretação da) obra de Fernando Namora", vai muito além do simples enquadramento sócio-cultural do Escritor focalizado, e oferece-nos um esclarecedor painel da complexa teia, em que se formou e agiu a chamada "geração de 40", isto é, a geração do Neo-Realismo português.

Ê lendo esta panorâmica da obra de Fernando Namora, que, mais uma vez, se nos torna patente que a significação mais profunda de certas obras só nos é revelada, a partir do conhecimento de seus "ele-

mentos periféricos” (principalmente os ligados ao “meio” e “momento” em que foram geradas...). É o caso aqui abordado. A análise agora realizada por Mário Sacramento tem, assim, o mérito de estabelecer com clareza o relacionamento entre a obra focalizada e os fatores extrínsecos que lhe são essenciais.

Mesclando, portanto, os elementos sociais ao enfoque da vida e da obra de Fernando Namora, o estudo de Sacramento vai esclarecendo, de maneira objetiva, certos fenômenos indispensáveis à justa compreensão do neo-realismo. Uma diretriz estética, cuja exteriorização em obras assumiu tal diversidade de linguagem, técnicas, temas e matizes que, ao leitor desavisado, torna-se difícil, as mais das vezes, identificá-las entre si. Ou mesmo enquadrá-la num único movimento, devido à ausência de claro *denominador comum* que as engloba a todas.

Entretanto, embora não imeditamente perceptível, êsse denominador comum existe. É uma certa “tomada de consciência” em face da problemática social portuguesa, expressa em termos de arte.

A partir, portanto, dos elementos biográficos ou geracionais, agora, interpretadas por Sacramento, a ficção de Namora adquire, no espírito, do leitor, uma dimensão a mais: desde sua primeira expressão, *Sete Partidas do Mundo*, até o recente *Diálogo em Setembro*, desenvolve-se ela, com sóbrio equilíbrio, entre o plano transfigurador da arte que lhe dá voz e o plano da realidade vivida que lhe justifica a existência.

Projetada no processo histórico de uma geração (que está vivendo um importante papel renovador), a obra de Fernando Namora surge, através da interpretação de Mário Sacramento, como uma densa presença, fiel à terra, de onde recebe a seiva, e às raízes que lhe determinaram o ser.

NELLY NOVAES COELHO